

Olhares Psicopolíticos sobre as Múltiplas Formas de Violências

Psychopolitical Perspectives on the
Multiple Forms of Violence

Miradas Psicopolíticas sobre las
Múltiples Formas de Violencias

Perspectives Psychopolitiques sur les
Multiples formes de Violence

Alessandro Soares da Silva – USP – Brasil
Editor

O ano de 2013 promete ser tão intenso quanto o anterior para o desenvolvimento da Psicologia Política Brasileira e em especial para nossa Revista. Com a ampliação do número de grupos de pesquisa existentes no Brasil e com a intensificação dos laços estabelecidos entre os e as pesquisadores/as dos demais países latino-americanos a nossa revista passará a ser ainda mais um canal de reflexão sobre os sentidos e rumos da Psicologia Política. Em um campo tão plural quanto este, consolidar a **RPP** como um local de trocas e até mesmo de disputas de significados e compreensões faz com que ela firme-se como um espaço aberto e acolhedor das diferenças e das divergências que possam existir na Psicologia Política. Ao não ser uma publicação hermética, guiada por uma leitura hegemônica do campo psicopolítico, a **RPP** assegura a quem está disposto a pensar livremente e com seriedade as incontáveis questões que animam a Psicologia Política.

Nesse primeiro fascículo do volume 13 da RPP, referente aos meses de janeiro a abril, apresentaremos dez artigos e uma resenha. Estes encontram conexão no tema Violência. As múltiplas faces da violência é uma preocupação recorrente na Psicologia Política e tem aparecido com frequência entre os manuscritos que recebemos. A naturalização social da percepção da violência ou

Editorial

mesmo o seu uso institucional e político fazem com que a ponderação sobre ela seja um desafio importante para nossa reflexão, pois altera invariavelmente as relações humanas e agudiza as disputas que dividem cruelmente a humanidade.

O conjunto de artigos que segue nos ajudará a pensar criticamente o tema da violência política, sobretudo quando nesse último mês de março, testemunhamos a eleição do deputado Marco Feliciano (PSC-SP) como presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados. Com um currículo marcado por discursos racistas e homofóbicos ele conduzirá a comissão que tem tido uma história que vai na contramão do que promete fazer seu novo presidente. Certamente, neste ano poderemos testemunhar como religião e política poderão produzir um cenário propício para o crescimento de determinadas formas de violência institucional e cabe à comunidade de estudiosos de psicologia política analisar e refletir sobre esses acontecimentos e, dentro do possível, propor formas de enfrentamento desse tipo de situação que transforma negativamente as relações humanas.

Assim, abrimos o presente número da RPP com o manuscrito *Entre o Outro e o Mesmo: sobre ética e violência nas relações* da lavra de Belinda Piltcher Haber Mandelbaum (Universidade de São Paulo). Partindo da Psicanálise a autora aborda a alteridade e o reconhecimento, pois são elementos determinantes para a compreensão dos fenômenos da violência. Nesse debate, podemos observar o diálogo entre diferentes correntes psicanalíticas quando encontramos as posições de Freud, Winnicott e Klein, bem como as autorxs (Levinas e Arendt) que complementam esse debate de modo a dar conta da complexidade do fenômeno da violência.

Por sua vez, o historiador galego, Calos Sixirei (Universidade de Vigo) nos brinda com o texto *Sexualidad, Razas Impuras y Control Religioso en la Colombia Colonial*. Nas páginas do artigo, veremos uma perspectiva que busca aproximar a subjetividade da história. Ao analisar o controle religioso exercido sobre o sexo inter-racial numa sociedade colonizada, o autor trata a sexualidade, em suas diversas manifestações, assim como da relevância que essa ocupa na vida social e política. Destarte, a sexualidade no período colonial colombiano ganha relevância no processo de integração e miscigenação e rompe os esquemas de controle da vida cotidiana pretendidos pela Igreja. O manuscrito nos mostra desde um olhar histórico a face transgressiva da sexualidade humana e que rompe com a violência da moral imposta em uma sociedade multicultural.

Na sequência encontram-se dois artigos que refletem sobre o âmbito familiar. No primeiro manuscrito intitulado *A Instituição Familiar e a Relação Humana de Familiaridade*, Renata Ovenhausen Albernaz (Universidade Federal de Pelotas) e Camila Salgueiro da Purificação Marques (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) voltam seu olhar para um debate que é de suma importância e que em parte é bastante escamoteado: o rearranjo familiar na contemporaneidade. Para elas, é fundamental entender os processos históricos que conduzem a instituição familiar para que se possa compreender as mudanças que estão ocorrendo na atualidade e que põem em xeque certas crenças societais a respeito do que essa signifique e sobre qual papel ela deva desempenhar. Frente às novas demandas trazidas no seio de movimentos sociais (feministas, LGBT, criança e adolescente, etc.) as autoras propõem-se a estudar um modelo de relação humana familiar no qual a família emerge como um espaço de amadurecimento e de encontro entre pessoas envolvidas em relações de afeto, e não como um lugar de castração, sofrimento e violência.

O artigo que segue, *A Influência da Família no Processo de Escolarização e Superação do Preconceito Racial: um estudo com universitários negros* de Edna Martins (Universidade Federal de São Paulo) e Aparecida das Graças Geraldo (Universidade Estácio de Sá) dá continuidade a muitas das questões levantadas anteriormente. Ao refletir sobre a influência da família na trajetória de escolarização de negros, a autora mostra a violência da desigualdade e o faz a partir de memórias de estudantes universitários. Pensar acerca do papel da influência da família no rompimento da exclusão escolar ou das situações de humilhação e racismo omitidas e silenciadas pela escola e família, faz com que esse texto abra o leque das possibilidades de produção social da violência na ótica psicopolítica.

Estratégia de Sobrevivência dos Gays no Ambiente de Trabalho, da autoria de Helio Arthur Irigaray e Maria Ester Freitas (Fundação Getúlio Vargas) nos ajuda a pensarmos acerca da diversidade no ambiente de trabalho. Ao observarem quais estratégias de sobrevivência que sujeitos homossexuais e bissexuais utilizam num ambiente de trabalho heterocêntrico, os proponentes deste manuscrito indicam três possíveis *modus* de identidade social que permitem a esses homens sobreviver em meio a violência que uma sexualidade obrigatoriamente heteronormativa gera naqueles que possuem sexualidades discordantes. Assim, o texto nos mostra como o mundo do trabalho produz espaços de sofrimento e de injustiça e podem conduzir a violência institucional entre os diferentes atores que ocupam distintos espaços de poder.

Henrique Luiz Caproni Neto, Luiz Alex Silva Saraiva (Universidade Federal de Minas Gerais) e Renata de Almeida Bicalho (Universidade Federal de Juiz de Fora) dão continuidade ao debate proposto por Irigaray e Freitas. Em *Violência Simbólica nas Trajetórias Profissionais de Homens Gays de Juiz de Fora* os autores analisam as violências simbólicas vividas por homens homossexuais em Juiz de Fora. O cenário destas violências é o espaço profissional e o que se percebe é um acirrar das relações nas quais são impostas as bases heteronormativas. Homossexuais são objeto de violência simbólica, são vistos de modo negativo, estereotipado não são aceitos por pessoas heterossexuais como iguais. Sua sexualidade é motivo de desqualificação profissional e de justificação da violência simbólica a que estes sujeitos são submetidos.

No artigo *O dispositivo "Saúde de Mulheres Lésbicas": (in)visibilidade e direitos* de Cintia Sousa Carvalho, Fernanda Calderaro e Solange Jobin e Souza (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) analisam documentos científicos e políticas de saúde direcionadas para mulheres lésbicas. As autoras procuram verificar se há mudanças nesse quadro e como elas poderiam estar se dando. Contudo, fica claro que a invisibilização das necessidades dessas mulheres é também um modo de violência, pois negam-lhes a possibilidade de reconhecimento. Como destacam as autoras, historicamente essas mulheres não são objeto de atenção das políticas de promoção de direitos.

Fazendo um vínculo com as questões de saúde levantadas no texto anterior encontraremos o artigo *Subjetividade no Aconselhamento em HIV/Aids* de Wedna Cristina Marinho Galindo (Faculdade de Ciências Humanas de Olinda), Ana Lúcia Francisco (Universidade Católica de Pernambuco) e Luís Felipe Rios (Universidade Federal de Pernambuco). Ao discutir as concepções de subjetividade, a partir da análise de textos do Ministério da Saúde recomendados para capacitação de aconselhadores, o artigo busca compreender como se entende e os desdobramentos dessas compreensões a hora de proceder o aconselhamento subsidiado a testagem de HIV no Brasil. Nesse sentido, o texto revela que mecanismos de

controle das subjetividades são identificados, inscrevendo o aconselhamento como dispositivo da biopolítica, a serviço da avaliação, cálculo e antecipação de riscos, comuns a uma sociedade de segurança, o que de certa forma pode indicar um *modus operandi* comum aos procedimentos de controle simbólico que são geradores de violências ou, ao menos, enquadramentos sociais bastante empoderados na atualidade.

No artigo *Adultos com Deficiência na Psicologia: desafios para uma investigação psicológica politicamente consciente* de Aline Wanderer e Regina Lúcia Sucupira Pedroza (Universidade de Brasília) e Regina Lúcia Sucupira Pedroza pautam um tema que ainda hoje carece de estudos. Ao investigar como os adultos com deficiência vêm sendo abordados pela psicologia do desenvolvimento adulto a autora contribui para dar luz a esse campo. Mas ao fazê-lo, ela analisa também temas transversais relacionados a essa realidade, tais como exclusão social, pobreza e violência.

O último artigo deste fascículo chama-se *Identidad nacional y relaciones interpersonales en una cultura donde la norma es la transgresión* e é escrito por Maite Regina Beramendi e Elena Zubieta (Universidade de Buenos Aires). As autoras nos oferecem um texto sobre cultura normativa Argentina e suas implicações psicopolíticas a partir da psicologia social. Elas exploram a percepção de estudantes universitários sobre o cumprimento da regra na Argentina e do funcionamento do sistema de regulamentação, bem como das relações interpessoais nestas dinâmicas. Nesse quadro, confiança contrasta com desconfiança e corrupção, pois se observou que os estudantes universitários argentinos veem as instituições argentinas corruptas e ineficazes institucionalmente, atribuindo a elas mais termos pejorativos que positivos. Aqui também podemos notar a presença da violência simbólica presente nessas discursividades.

Finalmente, a Resenha *Eduardo Leite Bacuri: biografia de um guerrilheiro* de Domenico Ung Hur (Universidade Federal de Goiás) trata da obra *Eduardo Leite Bacuri*, da autoria de Vanessa Gonçalves, publicada pela Plena Editorial, em 2011. O texto nos leva a refletir acerca do papel de certos líderes políticos e seu carisma. Na trajetória das análises de personalidades políticas atuais, Ung Hur nos conduz de modo crítico pela vida e ação desse personagem da história nacional.

Ao prepararmos este número, nos deparamos com as diferentes maneiras de se produzir a desigualdade e com o uso de diferentes formas de violência que garantem lugares de poder e constroem formas de deslegitimações que alteram as possibilidades de inserir-se no mundo, de fazer-se protagonista da história. De certo modo, podemos ler, inferir, as razões pelas quais podem emergir *Marcos Felicianos*, de um lado, e, de outro, *Eduardos Bacuris*. Estou certo de que a psicologia política pode contribuir em muito para um mundo mais justo e melhor, onde as formas de deslegitimação e injustiça possam deixar de existir. Mas para isso há muito trabalho pela frente! Esperamos que esse novo fascículo gere outras questões que conduzam a novas reflexões que possam vir a ser submetidas a nossa revista. Desejamos que a leitura das produções aqui veiculadas e a sua citação em outros periódicos sejam uma forma de contribuir para a divulgação dessa revista e de nosso campo.

Contamos com seu apoio!

Boa leitura!